



A MÍDIA E AS REPERCUSSÕES DO DEBATE SOBRE A QUALIDADE NA EDUCAÇÃO PÚBLICA

Marina Miri Braz - UPF

Rafael Pavan – UPF

Agências Financiadoras: CAPES, INEP, MEC, CNPQ

Resumo: Este artigo objetiva analisar textos referentes à temática da qualidade na educação pública, publicados em três revistas semanais de circulação nacional, investigando as concepções expostas nos produtos midiáticos destacados, sob a luz de referenciais teóricos que debatem algumas das dimensões implicadas na qualidade dos processos educativos. Metodologicamente o texto edificou-se a partir do exame de 25 (vinte e cinco) produtos midiáticos pinçados no recorte temporal estabelecido entre os anos de 1996 a 2007 cotejados a partir de uma revisão bibliográfica temática. O artigo estrutura-se a partir de duas partes: a primeira parte confronta os produtos midiáticos destacados com a pluralidade de conceitos sobre qualidade na educação. Na segunda parte, os produtos midiáticos são interfacetados com os indicadores que possibilitariam, hipoteticamente, mensurar a qualidade na educação. Dessa maneira, propõe-se uma interpretação reflexiva confrontando as tendências de interpretação da mídia sobre a qualidade na educação pública e a produção acadêmica sobre a temática.

Palavras-chave: Qualidade na educação. Mídia. Indicadores da qualidade na educação.

Introdução

O panorama educacional brasileiro vem passando por inúmeras transformações no decorrer do processo histórico, movimentos no âmbito educacional se fizeram presentes, trazendo contribuições positivas e também negativas para a educação, um deles teve início na década de 80, onde os grandes debates centravam-se na questão da universalização do acesso à educação, ou seja, escolas para todos. Em seguida, outra mobilização foi visualizada, tendo como foco analisar os resultados obtidos com a tal *universalização* iniciada nos anos 80, verificando assim os elementos que deram certo e os que ainda precisavam ser modificados ou implantados. A partir do ano de 2000 os movimentos e debates direcionaram-se mais para a questão da concretização de uma educação de qualidade, pois foi constatado que colocar todos os sujeitos na escola não bastava, sendo preciso pensar em maneiras de oferecer uma educação de qualidade.

Nessa perspectiva, notou-se a necessidade de fazer uma análise crítica sobre as seguintes inquietações que se fazem presentes no contexto social: Quais os conceitos que definem o que é qualidade na educação? Quais são os indicadores de uma educação de qualidade do ponto de vista exposto nos produtos midiáticos e também segundo a visão acadêmica? Essas são questões pertinentes, porém na maioria das vezes são respondidas de forma equivocada e incoerente por pessoas que acreditam na objetividade da educação.

Para discutir a temática da qualidade na educação, necessita-se de um estudo que abranja diferentes dimensões desse panorama. Nesse sentido, o texto apresentará de maneira parcial uma releitura de notícias publicadas em três revistas de grande circulação nacional. O recorte temporal da pesquisa centra-se nos anos de 1996 a 2007 - em duas revistas - por conseguinte, a outra mídia que foi objeto da pesquisa abrangeu os anos de 2003 a 2007.

Faz-se necessário destacar os nomes dos Ministros da Educação e também dos Presidentes que estavam no *poder* central do país durante o período em tela, sendo que do ano de 1995 a 2002 o Ministro da Educação era o economista Paulo Renato de Souza, sob a presidência do governo de Fernando Henrique Cardoso, em seguida, de 2003 a 2004 quem assumiu o cargo foi o economista Cristovam Buarque, nesta época o Presidente do Brasil era Luiz Inácio Lula da Silva, por conseguinte, sob o comando do mesmo presidente citado anteriormente, assumiu o Ministério da Educação o advogado e também jornalista Tarso Genro, permanecendo no cargo de 2004 a 2005, por fim entre os anos de 2005 até o início de 2012, o economista e bacharel em direito, Fernando Haddad foi quem assumiu o comando do Ministério da Educação.

1. Qualidade na Educação: uma reflexão sobre a diversidade de conceitos

O debate sobre o que é qualidade traz em seu bojo inúmeras dúvidas e incompreensões, talvez pelo fato dos sujeitos acreditarem que esse assunto é fácil e simplista, por este motivo, percebe-se nas discussões expostas na mídia pesquisada, interpretações generalizantes e muitas vezes culpabilizadoras de alguns elementos que fazem parte do contexto educacional.

Desse modo, os sujeitos que tiveram uma *formação acrítica* aceitam as divulgações publicadas nos produtos midiáticos como sendo verdades acabadas, sem se autoquestionarem se as concepções e afirmações divulgadas são verdadeiras.

Conforme Dahlberg, Moss e Pence (2003, p.128) “a qualidade é apresentada como uma verdade universal isenta de valor e cultura, além de aplicável, de igual maneira, em

qualquer lugar no campo em consideração: em suma, a qualidade é um conceito descontextualizado”.

Partindo desse pressuposto, nota-se que o núcleo central que gira em torno da temática da qualidade na educação exige um aprofundamento teórico-reflexivo para poder ser interpretada de maneira coerente, levando em consideração que o conceito de qualidade é flexível e mutável, conforme as transformações sociais vão ocorrendo, ou seja, conforme o contexto educacional necessita-se olhar a temática de modo diferenciado.

Carlos Roberto Jamil Cury traz em seus escritos conceitos referentes ao que é qualidade, afirmado que:

[...] pode-se dizer que ela supõe uma certa quantidade capaz de ser mensurada, na qual reside um modo de ela ser de tal forma distinta que ela se veja enriquecida ao ponto de sua realidade apresentar um salto agregando valor àquilo que a sustém. E essa realidade qualificada pode ser conhecida pelo sujeito que pode então agir sobre ela. Essa indicação definidora da qualidade, ainda que ela mesma se preste a muitas outras determinações, pode nos ser útil no desvendamento de aspectos da educação escolar que nos preocupam (2010, p. 3).

A partir da análise da definição acima, verifica-se que falar em qualidade no âmbito educacional é mais complexo e exige um maior aprofundamento. “A qualidade é, assim, um modo de ser que afeta a educação como um todo envolvendo sua estrutura, seu desenvolvimento, seu contexto e o nosso modo de conhecê-la” (CURY, 2010, p. 4).

Na perspectiva dos estudos das reportagens, notou-se que no final da década de 90 do século XX e também início do século XXI, as discussões pautavam-se na seguinte dualidade: mais brasileiros estão inseridos na escola, em contraponto, a educação que está sendo ofertada não é de qualidade. Conforme a fala do ex-ministro da educação Paulo Renato Souza (ÉPOCA, 2003): “O esforço foi grande e produziu resultados, mas a expansão era a tarefa mais simples de fazer. A escola inchou sem que problemas crônicos fossem enfrentados. Os professores brasileiros continuam carentes de boa formação e mesmo treinamento”.

Universalizar a educação foi o primeiro passo dado, porém era necessário ter pensado com antecedência nas consequências que estavam por vir, já que, as instituições de ensino e os profissionais da educação não estavam preparados para dar conta de toda essa demanda de alunos, estes provenientes dos mais diversos contextos. A educação sofreu um forte impacto com esse salto quantitativo de inserção de estudantes, avançando nas oportunidades de acesso

sem pensar no agir pedagógico¹ que iria ser proporcionado para essa diversidade de sujeitos, advindos de diferentes classes sociais e com heranças culturais diversas.

Sobre isso, Oliveira (2007) postula que:

Tal tensão entre um sistema educativo em franca ampliação, por vagas e qualidade, e uma agenda política e econômica conservadora gera um conflito sem precedentes em nossa história educacional. Além do atendimento à demanda por mais educação, debatemos-nos com a tensão entre o direito à educação de qualidade para amplos contingentes da população ou sua negação, o que pode tornar inócua a democratização do acesso, quer seja por sua distribuição diferenciada, quer seja por, e também, relegar a qualidade a nichos de privilégio no interior do sistema educacional. (2007, p.5).

Isso sugere que, embora o acesso da população brasileira à educação tenha se elevado muito nos últimos tempos, a qualidade desta educação está deixando a desejar, prova disso, são os altos índices de repetência escolar e de evasão que foram e, infelizmente, ainda são divulgados nos mais diversos meios comunicacionais.

Cristovam Buarque menciona em seu livro *A Revolução Republicana na Educação: ensino de qualidade para todos*, aspectos assustadores da realidade educacional brasileira:

A consequência dessa realidade é que nossas crianças atravessam sua vida educacional como se passassem por um funil da exclusão, da desigualdade e do atraso. Da exclusão, porque menos de 40% das crianças terminam o Ensino Médio; da desigualdade, porque o acesso é completamente diferente conforme a renda familiar; do atraso, porque o potencial de pelo menos 60% é deixado para trás, ao longo do caminho educacional. Certamente mais do que isso porque, entre os que concluem o Ensino Médio, no máximo metade teve uma Educação de Base minimamente satisfatória para as exigências do mundo contemporâneo. É um funil da exclusão social e da perversão política que permitiu o atual quadro e o mantém (2011, p. 28).

Com o primeiro passo dado - universalizar o acesso à educação- surge uma nova discussão que se faz muito atual, eclodem movimentos que discutem e almejam uma educação de qualidade, mas para que isso ocorra, é preciso ter altos investimentos do poder público, destinados as mais variadas necessidades que se fazem presentes no panorama educacional, como por exemplo a questão da formação docente , esta era uma das

¹ O termo agir pedagógico é definido por Dalbosco como “um agir dialógico, não um fazer humano, que se efetua sobre objetos, mas sim um agir que se realiza no encontro dialógico entre pessoas (2007, p. 76).

preocupações centrais divulgadas nas mídias, visto que os profissionais da educação não estavam preparados para trabalhar com toda essa gama de diversidades que adentraram os espaços escolares. Não se deve esquecer que essa problemática está presente nos dias atuais, de modo que a carência na formação e ou/atuação dos professores é claramente visualizada no âmbito educacional. Em entrevista para a revista *Época* o colombiano Carlos Herrán (2006) afirmou que: “A primeiríssima coisa que o Brasil deve fazer se quiser melhorar os índices de desempenho em educação no futuro é definir uma política nacional de longo prazo. Com prioridades claras e imunes aos solavancos políticos.”

Nessa perspectiva, fica evidente nos textos pesquisados o posicionamento a favor de políticas nacionais de longo prazo, direcionadas para a educação. No caso da política brasileira, a cada novo governo que entra no poder geralmente alteram-se os projetos que já estavam em andamento, deixando-se para traz todo um processo que já estava sendo postos em prática, essas políticas caracterizam-se como sendo propostas desarticuladas e sem continuidade. Nas palavras de Ramos:

[...] na educação a descontinuidade dos programas e do corpo técnico tem se constituído num dos principais entraves ao avanço da área na velocidade desejável... falta ao nosso país um Sistema Nacional de Educação, constituído de planos estaduais e municipais de educação, de um regime de colaboração entre os entes federados que de fato funcione e de uma lei que seja capaz de definir com clareza não só as atribuições, como também as responsabilidades de cada governante (2011, p. 29).

Outro aspecto salientado nas reportagens, diz respeito às questões ligadas aos interesses do sistema de produção capitalista, há notícias afirmando que para a educação ser boa e de qualidade ela precisa preparar os sujeitos para o vestibular e para o mercado de trabalho, de tal forma que, a classe média alta direciona-se para os vestibulares enquanto a classe menos favorecida prepara-se para atuar no mercado de trabalho, sob os comandos da elite. Em uma das matérias publicadas na revista *Época* (2006), escrita por Áurea Lopes, afirma-se que os pais:

Devem escolher entre uma escola que coloca seus alunos nas melhores faculdades e outra voltada para o desenvolvimento humanista, que considera o vestibular apenas uma conquista decorrente do bom trabalho educacional. "É difícil uma instituição, hoje, dar conta desses dois eixos complementares: a instrução para o conhecimento e a formação humanista", afirma a pedagoga Maria Márcia Malavazi, da Faculdade de Educação da Unicamp. Especialista em orientação profissional, o pedagogo Sílvio Bock, diretor do Núcleo de Atendimento e Consultoria em Educação (Nace), afirma que quase todas as escolas acabaram se dobrando às expectativas diante do vestibular, em função da pressão dos pais. A adolescente Júlia Colombo, de 14 anos, vai mudar de escola, no próximo ano, ao iniciar o ensino médio. Seus pais decidiram

procurar uma escola que a preparasse melhor para o vestibular. "Não queríamos um lugar do tipo cursinho, puxado, que massificasse", diz o pesquisador científico Carlos Colombo, pai de Júlia. "Mas achamos que ela precisava de algo mais forte. Por exemplo: um sistema de avaliação por notas, e não conceitos.

Essa citação deixa explícita a função que estava e ainda está se atribuindo à escola, como sendo uma instituição preparatória para os *candidatos* serem aprovados nos vestibulares. A avaliação é outro aspecto que chama a atenção, pois as próprias famílias valorizam muito o sistema de notas, desvalorizando o verdadeiro caráter do processo avaliativo.

Em outra reportagem é abordada a ineficiência da educação na preparação dos alunos para o mercado de trabalho. Segundo reportagem da revista Isto é (1996, p. 48), escrita por Eliane Trindade e Guilherme Evelin: "Os resultados do exame nacional mostram que muita coisa na educação pública brasileira já melhorou, mas o País ainda está longe de ter um sistema que forme pessoas prontas para um mercado de trabalho cada vez mais competitivo."

Para ilustrar uma importante crítica às ideias expostas nas reportagens mencionadas acima, Evangelista, Moraes e Shiroma (2007, p. 99), deixam claro que:

Os resultados dos exames nacionais de avaliação – SAEB, ENEM e Provão – são utilizados para estabelecer um *ranking* institucional, indicando os centros de excelência. Em poucas palavras, as instituições precisam galgar um lugar no *ranking*, uma vez que as maiores fatias dos recursos serão destinados às melhorias das instituições. Promove-se, inequivocadamente, uma "corrida" da clientela por vagas nesses estabelecimentos, em tese, capaz de aglutinar os mais competentes professores e alunos... O processo de seleção é sutil, a marginalização é dissimulada, um verdadeiro "*apartheid* educacional."

Enquanto as preocupações restringirem-se na preparação de alunos para os vestibulares e para o mercado de trabalho, continuará a velha dualidade da desigualdade social, de um lado quem tem poder aquisitivo e de outro quem não o possui. Sabe-se que a educação deveria ser a principal política nacional de redução das desigualdades de oportunidades, ao contrário disso, de um modo geral ela centra-se em reproduzir esse modelo de desigualdade trazendo insignificantes transformações para a sociedade.

Para Evangelista, Moraes e Shiroma (2007, p. 99-100), a existência da política de mercantilização do ensino traz graves problemas para o contexto social. A propagação desse tipo de concepção proporciona uma significativa ampliação do mercado consumidor de "bens e serviços educacionais".

De acordo com as autoras citadas anteriormente:

Aos empresários da educação tornam-se promissoras as possibilidades de extrair lucro da desqualificação dos trabalhadores. A situação da instabilidade, incerteza, vulnerabilidade a que estão expostos com o aumento do desemprego impulsiona o mercado de venda de consultorias, de diplomas, de promessas de empregabilidade. A escola que na origem grega designava o “lugar do ócio” é transformada em um grande “negócio”. Inaugura-se um promissor nicho de mercado, favorecendo, na expressão de Apple, a expansão dos capitalistas do ensino (2007, p. 100).

As considerações feitas até agora mostram a existência de contradições nos textos extraídos das mídias de larga escala, já que em alguns momentos prioriza-se uma educação de qualidade para toda a sociedade, mesmo que a abordagem explicitada seja superficial e genérica. Ademais, defende-se uma educação tecnicista, moldadora de pensamentos e comportamentos, formadora da classe trabalhadora, adaptada ao modelo de produção capitalista.

2. Diálogos sobre os Indicadores da Qualidade da educação

O termo Indicadores da Qualidade na Educação é atual, tanto que na mídia pesquisadas havia a ausência desta terminologia, falava-se na necessidade de melhorar as políticas públicas, a estrutura física das escolas, as propostas de trabalho, a formação docente, porém não utilizava-se o termo Indicadores da Qualidade da Educação.

Acredita-se que as pesquisas voltadas para a temática dos Indicadores de Qualidade da Educação surgiram da necessidade de buscar um novo rumo para o ensino.

As escolas brasileiras estão distantes de alcançar os parâmetros de excelência, isto é mostrado constantemente nos resultados das avaliações nacionais, tais como, Provinha Brasil, Prova Brasil, Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE).

Para Saviani (2009):

Os dados evidenciados nessas avaliações vêm carregados de uma não - qualidade expressamente em torno da aprendizagem: lê-se mal, escreve-se mal, o domínio das operações aritméticas é muito abaixo do esperado. Criou-se a expressão *analfabetismo funcional* para designar essa realidade na qual o indivíduo vai pouco além da assinatura do nome e de leitura de cartazes, quase não conseguindo redigir um simples ofício ou interpretar um caderno de instruções. (p. 10).

A partir dos resultados dessas avaliações, nota-se a urgência de repensar os rumos do processo educativo do país, daí surge a grande inquietação: Qual o caminho que se deve seguir para mudar a realidade vigente? Para tentar responder essa questão recorrem-se as análises realizadas dos debates expostos no final do século passado e início do século XXI e também as contribuições dos intelectuais da área educacional, referentes às ações necessárias para melhorar a educação brasileira.

Nas presentes observações dessas reportagens, percebeu-se que em primeira instância, o tema mais discutido que pode ser considerado como sendo um indicador de qualidade é a questão da formação docente, em segundo lugar destaca-se a necessidade de políticas públicas de investimento para a educação. Por conseguinte, aponta-se a gestão da educação e por último a integração entre a família e a escola.

O primeiro fator mais abordado nas reportagens refere-se à formação de professores, esse tema repete-se inúmeras vezes como sendo um dos elementos centrais de uma educação de qualidade. É sugerido às Instituições de Ensino Superior que reavaliem seus cursos de licenciatura e pensem em novas maneiras que venham a contribuir positivamente na formação dos educadores. Além disso, é abordado constantemente sobre a importância de proporcionar formação continuada para que os professores mantenham-se atualizados frente às mudanças que ocorrem constantemente no cenário educacional.

Dermeval Saviani (2009), em seu artigo *Formação de Professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro*, propõe um novo projeto que segundo ele contribuirá para resolver a questão da qualidade da educação, destacando que:

[...] a questão da formação de professores não pode ser dissociada do problema das condições de trabalho que envolvem a carreira docente, em cujo âmbito devem ser equacionadas as questões do salário e da jornada de trabalho. Com efeito, as condições precárias de trabalho não apenas neutralizam a ação dos professores, mesmo que fossem bem formados. Tais condições dificultam também uma boa formação, pois operam como fator de desestímulo à procura pelos cursos de formação docente e à dedicação aos estudos. Ora, tanto para garantir uma formação consistente como para assegurar condições adequadas de trabalho, faz-se necessário prover os recursos financeiros correspondentes. Aí está, portanto, o grande desafio a ser enfrentado. É preciso acabar com a duplicidade pela qual, ao mesmo tempo em que se proclamam aos quatro ventos as virtudes da educação exaltando sua importância decisiva num tipo de sociedade como esta em que vivemos, classificada como “sociedade do conhecimento”, as políticas predominantes se pautam pela busca da redução de custos, cortando investimentos. Faz-se necessário ajustar as decisões políticas ao discurso imperante (p. 153).

O segundo elemento mais debatido nos produtos midiáticos sobre a busca da qualidade da educação, diz respeito aos investimentos, tendo em vista que há várias as reportagens afirmando que a educação só irá melhorar a partir do momento em que o poder público disponibilizar os investimentos necessários e criar políticas públicas de governo em longo prazo. Para Ramos (2011), “O governo Federal é tido como o maior agente capaz de assegurar uma educação de qualidade.”

Sobre isso, Mozart Neves Ramos afirma que:

Em recente pesquisa, encomendada pelo movimento Todos Pela Educação, o Ibope revelou aos governantes brasileiros a nítida necessidade de uma maior atenção à educação básica. Fica cada vez mais evidente que ter mais vagas nas escolas é necessário, assim como construir mais escolas, isto não será mais suficiente daqui para frente, pois a sociedade está cada vez mais atenta à questão da qualidade do ensino (2011, p.76).

Outro elemento que também entra em cena, diz respeito ao papel do gestor das escolas, este é quem colabora para direcionar um bom ou mau trabalho. Nesse sentido, quando a gestão se faz presente e desenvolve um trabalho integrado e democrático na instituição de ensino, o desempenho de todo o grupo certamente será satisfatório. Em uma reportagem da revista *Veja* (2001), escrita por Monica Weinberg, fica evidenciado o quanto é fundamental ter uma gestão e uma equipe de trabalho bem preparada:

O estudo confirma a tese de que um diretor afinado com sua equipe e bem informado alavanca o desempenho dos alunos. Outras pesquisas, inclusive estrangeiras, já haviam iluminado a questão. Mostram que o resultado melhora quando o diretor possui mais livros em casa, quando o diretor e o professor permanecem mais tempo na escola e, por fim, quando o professor tem formação acadêmica adequada para a série que está ensinando... No meio da falta de recursos, o colégio conseguiu construir um tripé ambicionado por qualquer instituição, pública ou privada: diretor atuante, professores capacitados e pais presentes.

As ideias propostas nas mídias abordam alguns elementos importantes sobre a gestão, porém não há indícios de textos que destaquem a relevância da gestão democrática para o bom funcionamento do contexto educacional. Bordignon e Gracindo (2009) destacam em um de seus textos a seguinte afirmação:

[...] a gestão democrática da educação requer mais do que simples mudanças nas estruturas organizacionais; requer mudanças de paradigmas que fundamentem a construção de uma Proposta Educacional e o desenvolvimento de uma gestão diferente da que hoje é vivenciada. Ela precisa estar para além dos padrões vigentes, comumente desenvolvidos pelas organizações burocráticas. Essa nova forma de

administrar a educação constitui-se num fazer coletivo, permanentemente em processo. Processo que é mudança contínua e continuada. Mudança que está baseada nos paradigmas emergentes da nova sociedade do conhecimento, que por sua vez, fundamentam a concepção de qualidade na educação e definem, também, a finalidade da escola (p. 148).

Uma quarta categoria visualizada na pesquisa como sendo um indicador de qualidade é a participação da família na escola, como parceira ativa que caminha na mesma direção, apoiando-a em suas decisões e participando das ações desenvolvidas de tal modo que colabore para o melhor andamento possível da instituição de ensino. Em uma das matérias pesquisada é afirmado que: “... a família tem forte peso no desempenho escolar das crianças e adolescentes” (VEJA, 2001).

Alguns estudos vêm demonstrando as contribuições que a integração entre a família e a escola propiciam para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

Dessen e Polonia (2007) mencionam que a família e a escola são:

[...] responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento culturalmente organizado, modificando as formas de funcionamento psicológico, de acordo com as expectativas de cada ambiente. Portanto, a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social. Na escola, os conteúdos curriculares asseguram a instrução e apreensão de conhecimentos, havendo uma preocupação central com o processo ensino-aprendizagem. Já, na família, os objetivos, conteúdos e métodos se diferenciam, fomentando o processo de socialização, a proteção, as condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento de seus membros no plano social, cognitivo e afetivo (p. 2).

Outros indicativos que se revelaram no desenrolar da pesquisa, foram os seis elementos necessários para uma escola moderna fazer com que os alunos aprendam, destacando os seguintes: estímulo à leitura; atendimento individualizado; interdisciplinaridade; língua estrangeira; valorização de experiências e vivências (ÉPOCA, 2006).

Todos estes debates se fazem atuais, porém o que se percebe no contexto contemporâneo é que ainda não foi possível concretizar as ideias que certamente contribuiriam para trilhar o caminho de uma educação de qualidade.

No ano de 2004 foi publicado um documento intitulado Indicadores da Qualidade da Educação/ ação educativa, sob coordenação Ministério da Educação (MEC), Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNDU) e pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF).

Este documento esclareceu sobre a criação dos Indicadores da Qualidade da Educação, afirmando que:

Os Indicadores da Qualidade da Educação foram criados para ajudar a comunidade escolar na avaliação e na melhoria da qualidade da escola. Este é seu objetivo principal. Compreendendo seus pontos fortes e fracos, a escola tem condições de intervir para melhorar a sua qualidade de acordo com seus próprios critérios e prioridades (2004, p.6).

Além da definição abordada acima, foram elaboradas sete dimensões dos Indicadores da Qualidade da Educação, objetivando respeitar a complexidade do significado da qualidade educativa e as singularidades de cada contexto.

- a) Ambiente educativo;
- b) Prática pedagógica e avaliação;
- c) Ensino e aprendizagem da leitura e da escrita;
- d) Gestão escolar e democrática;
- e) Formação e condições de trabalho dos profissionais da escola;
- f) Espaço físico escolar;
- g) Acesso, permanência e sucesso na escola.

Partindo das ideias propostas, não restam dúvidas de que se está pensando em maneiras de melhorar a educação, porém o que ainda não foi alcançado é a concretude de todas estas sugestões e propostas que foram elaboradas para a obtenção de um processo educativo de qualidade. Por isso, o desafio que se propõe à educação nos dias atuais, consiste em cada sujeito repensar sua prática e fazer a sua parte, isso não depende só do poder público ou só dos professores, mas sim depende da vontade de todos os sujeitos que estão envolvidos nesse processo denominado de educação.

Isaac Roitman sugere que:

Uma nova concepção pedagógica deve apontar para um conhecimento integrador dentro de um cenário que estimule a criatividade e a crítica e, sobretudo, a construção de valores da cidadania. As atividades culturais, artísticas e esportivas deverão ser incentivadas, respeitando-se as tendências e as sensações individuais dos estudantes. Outras dimensões, como infraestrutura, gestão, avaliação e integração com os pais e a sociedade, deverão ser também aperfeiçoadas. Esses desafios deverão estar na pauta de nossos governantes nas próximas décadas. A educação de qualidade é um investimento caro. Para aqueles governantes que usam esse argumento para pouco fazer pela educação, seria pertinente lembrar o pensamento de Derek Curtis Bok, ex-presidente da Universidade de Harvard, que disse: “Se você

acha que a educação é cara, tenha a coragem de experimentar a ignorância” (2011, p. 38).

Nesse sentido, nota-se que há inúmeros estudos que abordam rumos para a melhoria da educação, porém não há nenhum receituário pronto. A escola sozinha pode fazer a sua parte, porém serão apenas experiências isoladas, como já ocorrem. Para melhorar a educação do Brasil é necessário que o poder público e toda a sociedade trabalhem de maneira integrada e séria. Faz-se necessário “eleger a educação como máxima prioridade, definindo-a como o eixo de um projeto de desenvolvimento nacional... Infelizmente, porém, as tendências que vêm predominando na educação brasileira caminham na contramão dessa proposta.” (SAVIANI, 2009, p. 11).

Considerações Finais

A análise desses três produtos midiáticos permite compreender a complexidade da tendência que está em ênfase na atualidade, ou seja, o tema da qualidade da educação. Através dos estudos das reportagens foi possível descortinar a impossibilidade de se elaborar um conceito universal de qualidade, já que, há muitas leituras e diferentes pontos de vista sobre essa temática.

Dentro dessa perspectiva, percebeu-se que o debate acerca da questão qualidade acentuou-se mais no início do século XXI, anteriormente as preocupações existiam, porém com menos intensidade. Além disso, deve-se destacar que as inquietações vistas nas análises não se diferenciam das presentes no contexto atual. A questão dos investimentos, da formação docente, da gestão democrática, da estrutura física e material são velhas conhecidas reivindicações encontradas no contexto educacional contemporâneo.

Talvez a precária e vergonhosa situação em que se encontra a educação brasileira tenha como uma de suas causas a centralidade voltada para a comparação entre a educação brasileira com os demais países do mundo. Conforme o estudo há constantes notícias que objetivam comparar as escolas do Brasil e suas práticas pedagógicas com outros países. Além do mais, tentam copiar os modelos de trabalho sem levar em consideração que os investimentos e o contexto são completamente diferentes. O foco da educação não pode se restringir a ficar observando o *ranqueamento* e reproduzindo modelos alheios, é necessário colocar em prática as boas ideias que já foram pensadas, porém ainda estão em desuso.

Em termos gerais, percebe-se uma incoerência de discursos, ora fala-se em educação de qualidade para todos, ora defende-se um ensino preparatório para o mercado de trabalho - reservado à classe menos favorecida - e para o vestibular - destinado à elite -, partindo disso, nota-se o caráter excludente que está impregnado no cenário educativo.

Por fim, pode-se afirmar que para a obtenção de uma educação de qualidade, há muitos desafios e impasses pela frente. Seguindo esse pensar, as leituras realizadas mostraram a existência de boas ideias e sugestões, porém é imprescindível levar em consideração a urgência de uma renovação da agenda política do país.

Referências

BORDIGNON, Genuíno; GRACINDO, Regina Vinhaes. *Gestão da Educação: o município e a escola*. In: AGUIAR, Márcia Angela; FERREIRA, Naura Syria C(orgs.). *Gestão da Educação: impasses, perspectivas e compromissos*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BUARQUE, Cristovam. *A Revolução Republicana na Educação: ensino de qualidade para todos*. São Paulo: Editora Moderna, 2011.

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Qualidade em educação*. Nuances: estudos sobre Educação. Ano XVII, v. 17, n. 18, p. 15-31, jan./dez. 2010.
Disponível em :<<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/viewArticle/721>>.
Acesso em: 24 jan. 2012.

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. *Qualidade na Educação da Primeira Infância: perspectivas pós-modernas*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DALBOSCO, Cláudio Almir. *Pedagogia filosófica: cercanias de um diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2007.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. *A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano*. Paideia (Ribeirão Preto), vol.17, n. 36, 2007.
Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2007000100003>. Acesso em: 22 jan. 2012.

ÉPOCA. São Paulo: Editora Globo, edição 252, 17/03/2003.
Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI36176-15228,00-UMA+GERACAO+DESPERDICADA.html>. Acesso em: 10 de jan. 2012.

_____. São Paulo: Editora Globo, edição 422, 15/06/2006.
Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI54458-15223,00-NAO+HA+ATALHO+NEM+MAGICA.html>. Acesso em: 15 de jan. 2012.

_____. São Paulo: Editora Globo, edição 446, 04/12/2006.
Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI55830-15228,00-QUAL+E+A+MELHOR+ESCOLA.html>. Acesso em: 10 de jan. 2012.

INEP-MEC, PNUD, UNICEF (orgs). *Indicadores da qualidade da educação/ ação educativa*. São Paulo: ação educativa, 2004.

ISTO É. São Paulo: Editora Três, edição 1417, 27/11/1996.

OLIVEIRA, Romualdo Portela de. *Da Universalização do Ensino Fundamental ao Desafio da Qualidade: uma análise histórica*. Campinas: Educação & Sociedade, vol. 28, n. 100, out. 2007.

Disponível em: <[HTTP://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a0328100.pdf](http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a0328100.pdf)>. Acesso em: 25 jan. 2012.

RAMOS, Mozart Neves. *É preciso avançar*. In: ROITMAN, Isaac, RAMOS, Mozart Neves (orgs.). *A Urgência da Educação*. São Paulo: Editora Moderna LTDA, 2011.

ROITMAN, Isaac. *Os Grandes Desafios da Educação Brasileira*. In: ROITMAN, Isaac, RAMOS, Mozart Neves (orgs.). *A Urgência da Educação*. São Paulo: Editora Moderna LTDA, 2011.

SAVIANI, Dermeval. *Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro*. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação, v. 14 n. 40 jan./abr. 2009.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2012.

SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Célia Marcondes de; EVANGELISTA, Olinda. *Política Educacional*. 4 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, edição 1690, 07/03/2001.

Disponível em: http://veja.abril.com.br/070301/p_063.html. Acesso em: 21 de jan. 2012.

Fontes de Pesquisa (Mídias de larga escala):

Revista Época (2003 - 2007)

Revista Isto é (1996 - 2007)

Revista Veja (1997– 2007)